

## Ao cair do pano<sup>1</sup>

MARIA FERNANDA BRASETE  
*Universidade de Aveiro*

Prezados Conferencistas  
Estimados Colegas  
Caros Alunos  
Minhas Senhoras e meus Senhores

Eis-nos chegados ao momento em que o pano desce, porque o “espectáculo” chega ao fim. Aproveito estes momentos finais para agradecer, em nome da Comissão Organizadora do IV Colóquio Clássico, a inestimável colaboração e a presença interessada de todos quantos intervieram ou participaram nas sessões que, ao longo destes dois dias, nos *re-uniram* neste espaço festivo de reflexão e debate, em que “as máscaras, as vozes e os gestos” regressaram à cena, transformando-se, uma vez mais, em ‘acontecimento’.

Propusémo-nos, este ano, trilhar os caminhos do teatro clássico, recuando às suas origens para melhor compreender a sua evolução. Pensamos que esse objectivo foi alcançado através das magníficas comunicações que aqui foram proferidas, no decurso destes dois dias. Como o teatro, enquanto arte dramática, também elas enlevaram os nossos olhos, os nossos ouvidos, o nosso entendimento, ao mesmo tempo que ampliaram os nossos horizontes e nos revelaram novas pistas de reflexão.

Recuámos à tragédia grega, recordando peças como *Electra*, *Medeia*, *Héracles*, ou ouvindo falar da presença de Helenos e Bárbaros ou do significado do ‘gesto’ e do ‘silêncio’ em *Ésquilo*, mas não sem antes invocarmos o nome do primeiro teorizador do Drama: Aristóteles. Fomos

---

<sup>1</sup> Discurso de encerramento do congresso, proferido em nome da Comissão Organizadora.

Maria Fernanda Brasete (coord.), *Máscaras, vozes e gestos: nos caminhos do teatro clássico* (Aveiro 2001) 371-372

levados a reflectir sobre *lexis* e *opsis*, ‘mito’ e ‘dialéctica’ na tragédia ou a voz do Autor na comédia greco-latina, mas, como seria de esperar, na passagem pelo mundo romano, as tragédias de Séneca constituíram uma paragem obrigatória. Ao revisitarmos a comédia romana, detivemo-nos na figura terenciana do parasita, mas o nome de Plauto foi várias vezes invocado: indagámos sobre a ‘semântica da porta’ na comédia plautina e fomos até incapazes de conter o riso quando procurámos perceber os ‘jogos de palavras’ e as ‘matreirices do poeta’. Tentámos ainda imaginar os gestos no Mimo e na Pantomina e o mundo do teatro em Plínio-o-Antigo ou no Alto Império Romano.

Mas como o drama greco-latino não sucumbiu ao tempo foi ainda possível testemunharmos a sua sobrevivência na literatura dramática ocidental, recordando a *Máquina Infernal* de Jean Cocteau.

Nesta viagem longa e com inúmeras paragens, mas tão gratificante e enriquecedora, reencontrámo-nos com o teatro clássico e a sua recepção na literatura ocidental.

A todos quantos nos acompanharam nesta viagem, reiteramos a nossa gratidão, fazendo votos de um bom regresso a casa.

Muito obrigada pela vossa disponibilidade e colaboração.

